

***La mirada* em 3D da literatura latino-americana contemporânea:
performatizando subjetividades e territorialidades**

Juliana Helena Gomes Leal (UFMG)

As diversas possibilidades de construção da subjetivação (ou das subjetivações) das identidades dos personagens presentes em obras, publicadas pós-anos noventa, de escritores latino-americanos e inseridas, portanto, num marco histórico-cultural no qual conceitos como “interculturalidade” (CANCLINI, p. 2000; AÍNSA, p. 21) ou “diálogo intercultural” são compreendidos não mais a partir da noção de coabitação entre culturas, mas de uma “co-referência” (RICOUER *apud* CANCLINI, p. 186), ou ainda, co-interferência, em “escala planetária” (AÍNSA, 2001, p. 23), parecem sinalizar para a necessidade de se analisar a literatura latino-americana contemporânea de modo menos territorialista, menos “ensimesmado”.

Restringir o leque do instrumental artístico e das possibilidades temáticas “autorizadas”, reconhecidamente aceitas e esperadas, com as quais trabalha o escritor latino-americano, tal como expõe Beatriz Sarlo, em “Los estudios culturales y la crítica literaria en la encrucijada valorativa”: “Parece indicar que los latinoamericanos debemos producir objetos adecuados al análisis cultural, mientras que Otros (básicamente los europeos) tienen el derecho de producir objetos adecuados a la crítica literaria” (SARLO, 1997, p. 11). Esse determinismo estético, preponderantemente culturalista, que se esforça por definir o *status quo* da América Latina a partir de uma vinculação reducionista entre território geográfico e realidade sociocultural, induz a uma análise dos objetos culturais latino-americanos basicamente a partir de uma perspectiva artística localista, exótica ou socialmente engajada, que, a partir de outra, cuja faceta tenha mais consonância com a problemática do ser

contemporâneo, isto é, desassociada de pretensos localismos geográficos, embora preocupada com os desassossegos e as inquietudes humanas. Cabe lembrar que essa última característica foi, precisamente, a principal motivação que sustentou a elaboração do livro de contos *McOndo*, editado por Alberto Fuguet e Sergio Gómez, que, ao explicarem a origem do título da referida obra, reiteram a preocupação com as rotulações prévias que fazem da América Latina:

Más bien, la idea del título tiene algo de llamado de atención a la mirada que se tiene de lo latinoamericano. No desconocemos lo exótico y variopinta de la cultura y costumbres de nuestros países, pero no es posible aceptar los esencialismos reduccionistas, y creer que aquí todo el mundo anda con sombrero y vive en árboles. Lo anterior vale para lo que se escribe hoy en el gran país McOndo, con temas y estilos variados, y mucho más cercano al concepto de aldea global o mega red (FUGUET; GÓMEZ, 2005, p. 4).

O discurso literário latino-americano contemporâneo, nesse sentido, se encontraria influenciado muito menos por motivações de ordem histórica do que por uma motivação temporal. Mudança paradigmática do modo de pensar a “condição subalterna”, que agora reconstrói seu lugar não pelo rechaço absoluto da existência de determinadas especificidades de sua individualidade cultural, mas pela aceitação de que a cultura se constitui graças a um processo global de interferências, de intercâmbios, de fluxos contínuos, cuja temporalidade da experiência cotidiana do real e do virtual, e, portanto, do social, é comum àquela experienciada e experimentada por sujeitos das culturas tidas como primeiro-mundistas. Fato esse que nos permite deslocar a produção cultural latino-americana de um lugar primitivista e inseri-la em uma esfera comportamental outra, na qual transitam um sem-fim de sujeitos (todos irmanados, mais ou menos, pelas mesmas necessidades, culpas, desejos, medos...), sejam eles habitantes da Amazônia, Austrália ou Nova Guiné, tal como, com irreverência, assinala o escritor brasileiro Marcelo Carneiro da Cunha, em sua obra *Simples*:

E penso também nessa gente toda, nesses povos na Amazônia, Austrália e Nova Guiné, que até pouco tempo atrás faziam tudo exatamente como sempre fizeram. Penso que eles ainda fazem coisas como caçar, e quando conseguem caçar mais do que podem comer, eles usam a carne que sobrou para fazer coisas que vão além de comer. Eles trocam a carne por sexo, por exemplo (CUNHA, 2005, p. 155).

Esse pressuposto teórico de identificação de uma perspectiva global (a comercialização do sexo) a partir do que se entende como “local” (a caça de animais para a alimentação), poderia transfigurar a concepção mais comum, que gira em torno do *status* cultural e social do continente latino-americano (representado, no fragmento acima, pela Amazônia), por meio de uma forma de subjetivação constituída como um “produto [de] narrações e atuações” (CANCLINI, p. 187), resultante da tensão entre a imagem prévia e tradicionalmente construída do si mesmo do sujeito e a que ele constrói diariamente, segundo suas necessidades, desejos, medos... Jogos e atuações que funcionam em dialogicidade com o perfil ambíguo de simulações e não-simulações do real, que parece amparar a construção das identidades dos sujeitos contemporâneos, sejam eles latino-americanos ou não.

Modos de subjetivações constituídos como resultado da criação de “personalidades inventadas” (CANCLINI, 2005, p. 184), discutidas e colocadas à prova, o que apontaria para um processo indelével de desterritorialização do discurso latino-americano e, conseqüentemente, do local de sua cultura, em função de um intenso intercâmbio sociocultural e humano, em nível planetário, que permite, graças, também, aos recursos oferecidos pelo ciberespaço, por exemplo, a vivência de situações outrora impensadas. Fato esse que colocaria a chamada literatura latino-americana contemporânea não mais em um reduto artístico limitado a representações de exotismos autóctones (uma das razões para a sustentação do rótulo “alegorias da nação”, formulado por Frederic Jameson ou de uma resposta (supostamente inescapável) aos traumas da colonização), mas em uma localidade a partir da qual se

consegue ter uma visão mais ampla — *la mirada* em 3D — das coisas e dos eventos justamente porque possui uma forma de vida:

que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que “sociedade”, mais conotativa que “país”, menos patriótica que *patrie*, mais retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que “o sujeito”, mais psíquica que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social (BHABHA, 2003, p. 199).

O escritor colombiano Efraim Medina Reyes, por exemplo, em sua obra *Técnicas de masturbación entre Batman y Robin* (2003), por meio de um tom recorrentemente satírico, propõe, na primeira lição de uma parte do livro intitulada “Mecánica de seducción”, que, para que um homem tenha êxito na arte de conquistar uma mulher, ele deve se afastar, cada vez mais, do que ele é “de verdade”. Isso, segundo esse autor, não provocará prejuízo de nenhuma natureza ao sujeito, uma vez que acredita que “não [há] risco algum em ser alguém que não é você mesmo” (nenhum risco em assumir “personalidades inventadas”, que, a meu ver, não deixam de fazer parte ou interferir nas personalidades que assumimos em nossa cotidianidade, como sendo reais):

Lección 1

Acerca de la personalidad y el estilo

No debes ser tú por ningún motivo, si te hubiera servido de algo ser tú no estarías leyendo este manual. Lo justo sería que todos tuviéramos la apariencia física de un galán televisivo, la inteligencia de un zorro viejo y la agresividad de un guerrero celta pero ya sabes en carne propia que este mundo no es justo, que la mayoría tenemos la apariencia física de un zorro viejo, la inteligencia de un galán televisivo y la agresividad de una torta de cumpleaños.

Se te recomienda imitar a alguien, un ser cualquiera que sea mejor que tú, no te será difícil encontrarlo. Una vez dejas de ser tú ya te sientes más seguro y predispuesto, ¿qué riesgo puede correr alguien que ni siquiera es él? (REYES, 2003, p. 118).

Com a internacionalização dos problemas sociais, dos dramas existenciais dos indivíduos, com a planificação do consumo de produtos ou, ainda, com a redução,

ao menos virtual, das distâncias que separavam culturas, parece emergir, atualmente, um desejo de construir subjetividades coletivizadas. E que resposta formal daria a literatura contemporânea diante desse panorama? Que potencialidades pode ter o texto literário diante de um contexto a partir do qual a mundialização das angústias de uma “hermandad cósmica” — termo cunhado por Albert Fuguet —, (FUGUET; GÓMEZ, 1996, p. 6) bem como das necessidades e dos desejos humanos, propiciam a formação de um sujeito criador, questionador, atuante? Sujeito que, ainda sob condicionamentos específicos — o *habitus*, a que se refere Bourdieu (*apud* CANCLINI, p. 196) — da sociedade na qual está inserido, é capaz de produzir um conhecimento perfeitamente dialógico com o “outro”. Uma construção que se dá na medida em que reconstrói (a partir de inúmeros questionamentos) a si próprio e o seu entorno, precisamente porque lança mão do caráter da “performatividade” (YÚDICE, 2006, p. 53), para intervir em espacialidades (a literatura seria, certamente, uma delas) nas quais o ato criativo desse sujeito que fala — ainda que “ficcional” (ficcional?) — se torna possível, pois: “Se quisermos falar de sujeito, se ainda for possível, devemos reelaborar o conceito, para limpá-lo de ilusões egocêntricas e torná-lo capaz de designar um lugar ao mesmo tempo condicionado e criador” (CANCLINI, 2005, p. 195).

No exemplo a seguir, extraído de uma das crônicas do livro *Adiós mariquita linda* (2006), do escritor chileno Pedro Lemebel, pode-se perceber o uso intencional dos referenciais estereotipados e vendáveis da cultura cubana pela própria população caribenha que, mesmo sabendo que Cuba não é só “aquilo” (*el rococó de los palacios, jugos de sandía, puerco con arroz*, por exemplo), se vale disso para reinventar, simular sua própria condição cultural e identitária frente à “demanda hambrienta del turismo” interessado em ter acesso a localismos exóticos e autóctones:

La Habana Vieja es como el casco de un antiguo galeón, encallado en los sargazos del mar Caribe. Es el centro histórico de la ciudad colonial que hoy atrae la mirada turística, el ojo de los gringos extasiados por el rococó de los palacios, por el mármol resquebrajado de las escaleras y estatuas que dejó la burguesía cuando apretó cachete al llegar la revolución. Y uno se pregunta: ¿cómo fue que este lujo arquitectónico quedó casi intacto? Digo casi intacto porque, mirando por segunda vez la panorámica barroca de los edificios, uno descubre que el deterioro baña de nostalgia esta torta chantilly que se desmorona bajo la mirada impávida de sus populares habitantes. Así, el esplendor asiático de azulejos, columnas fenicias y el tornasol de los vitrales comparten el mismo espacio con la ropa tendida, con las matronas negras poniéndose los cachirulos al sol, mientras vocean el menú de los comedores llamados paladares, que se han legalizado por la demanda hambrienta del turismo. Cada casa, cada mujer, implementa su presupuesto abriendo una ventanita y poniendo un cartel que ofrece comida barata. Y es extraño estar instalado en el living de una familia cubana probando el puerco con arroz y porotos negros, es agradable refrescarse con sus jugos de sandía, heladitos, que la doña sirve generosa. Todo por un dólar, hasta la conversa. [...] Porque aquí todo pareciera estar en ese proceso, hasta el sistema de inmigración, que hace años le hacía asco al turismo y hoy lo recibe en bandeja de plata. Es lo más cuidado. Lo más protegido es el ocio de los visitantes que deambulan por la isla como Pedro por su casa gozando cerdamente esta maravilla de ciudad con el salvoconducto del dólar (LEMEBEL, 2006, p. 72-73).

O espetáculo virtual/ real das subjetividades, o da simulação das identidades, ou, ainda, como designou Paul Ricoeur, o “aspecto criador dos sujeitos falantes” (*apud* CANCLINI, 2005, p. 193), nesse sentido, teria um caráter positivo, se se compreende o termo “cultura” como um devir, um processo de “movimento contínuo” (AÍNSA, 2001, p. 21). Se se enxerga a constituição do sujeito social menos a partir da idéia de uma pretensa inteireza do que a partir da idéia de uma dinâmica performática de simulações entre o real e o virtual, entre o querer e o não querer ser, tal como podemos entrever no seguinte trecho da obra *O cheiro do ralo*, do escritor brasileiro Lourenço Mutarelli:

Eu nasci em 58. Por que?
Então como foi que seu pai morreu na guerra?
Foi estilhaço de granada. E uma mina também.
Meu namorado falou que a guerra acabou em 1945.
É que meu pai morreu antes de eu nascer.
Isso é tudo mentira. Você é mentiroso. Esse olho não é do teu pai.
É que não sou filho do meu pai verdadeiro. Eu sou filho de outro.
É tudo mentira (MUTARELLI, 2002, p. 99, grifos nossos).

Por todas essas razões é que o conceito de “mirada estrábica” (PIGLIA, 1991, p. 66), que definiria o olhar latino-americano, em contraposição ao europeu, poderia ser revisitado, a partir do entendimento dos conceitos de “local” e “global” como definições que se correlacionam e não se auto-excluem. Revisitá-lo, por conceber que o que o olho “latino-americano” enxerga não é outra coisa senão aquilo que ele mesmo experiencia (e/ou virtualiza) em sua cotidianidade. Abandonar-se-ia, assim, a idéia de uma subjetivação imperfeita, desviante, atravessada, bem como todos os adjetivos que vêm junto com a noção de estrabismo, que o conceito do escritor e teórico argentino traz, consigo, para defender a existência de uma *mirada* em 3D que, mesmo tendo um referencial espacial ou uma localidade cultural e identitária específicos, se vê modificada, questionada por localidades com as quais interage, real ou ficcionalmente. Não veríamos e seríamos, nesse sentido, apenas aquilo que o *habitus* social nos condiciona, nos define, mas resultado das representações que simulamos e com as quais interagimos, direta ou virtualmente. Nesse caso, caberia, inclusive, redimensionar o estatuto, como já propôs Canclini (2005, p. 188), do virtual e do real, isto é, o que há de virtual no real e o que há de real no virtual, bem como as conseqüências dessa contaminação na construção das subjetividades (no plural).

Referências

AINSA, Fernando. El destino de la utopía latinoamericana como interculturalidad y mestizaje. *Revista UNIVERSUM*, Talca (Chile), n. 16, p. 11-26, 2001. Disponível em: <<http://universum.otalca.cl/contenido/index-01/ainsa.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2008.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 198-238.

CANCLINI, Néstor García. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. In: _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 183-208.

CUNHA, Marcelo Carneiro da. *Simples*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FUGUET, Alberto; GÓMEZ, Sergio (Eds.). *Prólogo libro McOndo: una antología de nueva literatura hispanoamericana*. Barcelona: Ed. Grijalbo-Mondadori, 1996.

Disponível em:

<<http://www.lai.at/wissenschaft/lehrgang/semester/ss2005/fs/files/mcondo.pdf>>.

Acesso em: 15 de jun. 2008.

LEMEBEL, Pedro. *Adiós mariquita linda*. Barcelona: Mondadori, 2006.

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Devir, 2002.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2, 1991, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991. p. 60-66. v. 1.

REYES, Efraim Medina. *Técnicas de masturbación entre Batman y Robin*. Barcelona: Ediciones Destino, 2003.

SARLO, Beatriz. Los estudios culturales y la crítica literaria en la encrucijada valorativa. *Revista de Crítica Cultural*, Santiago (Chile), n. 15, p. 32-38, nov. 1997.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura. In: _____. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 25-64.